



10-10-2015 | B.I.

{B.I.} **ENTREVISTA**



Eduarda
Abbondanza



“Sou frágil mas ao mesmo tempo posso ser um tanque de guerra”

{ RAQUEL CARRILHO (Texto) }
raquel.carrilho@ionline.pt

{ RODRIGO CABRITA (Fotografias) }
rodrigo.cabrira@ionline.pt

É vista como uma mulher fria e distante. Impenetrável. O seu corpo, aparentemente frágil, contrasta com o seu rosto, aparentemente duro. É, tal como diz, uma mulher frágil que pode transformar-se num tanque de guerra. Esta entrevista explica-a. Não a justifica, porque as pessoas não têm de ser justificadas. Mas torna-se mais fácil de entender Eduarda Abbondanza, uma mulher que é muito mais do que a fundadora da ModaLisboa.

Existe ModaLisboa depois de Eduarda Abbondanza?

Existe. Não acho que as pessoas são insubstituíveis, mas acho que são insubstituíveis nos seus contextos. Eu já estive fora um ano, quando estive doente. É a ModaLisboa continuou a funcionar, graças a esta equipa fantástica.

A ModaLisboa nasceu em 1991. A edição que arrancou ontem tem como tema Timers. Continua à espera do momento em que a moda portuguesa é finalmente vista como uma indústria, o momento em que é possível incutir às pessoas que os 500 euros que deixam na Prada podem deixar no Filipe Faísca?

Essas marcas têm um investimento em publicidade brutal. Os nossos criadores não têm budget para isso. Daí apostarmos na ModaLisboa como uma estrutura de lóbi junto da imprensa, para chamarmos a atenção para os nossos criadores. Se as campanhas não tivessem importância e não influenciassem o acto de compra das pessoas, elas não existiriam. Os portugueses não têm essa capacidade de investimento, nem todos têm gabinetes de comunicação ou sequer lojas. Todas estas questões dificultam o consumo nacional. Mas temos de acreditar nos nossos produtos. E se as marcas individualmente não têm capacidade para o fazer, têm de ser outras organizações. Porque é que voltámos a ter muita força no calçado? Porque existe uma associação chamada APPICAPS que tem feito um trabalho de alteração do paradigma que fez com que as pessoas voltassem a acreditar no nosso calçado. Mas foram

investidos milhões e foram feitas muitas acções nos últimos dez anos para o conseguir. Se aquilo que foi feito com o calçado fosse feito com as outras áreas da moda, numa concertação nacional, teria os mesmos resultados.

Falou de uma concertação nacional, mas a verdade é que a ModaLisboa e o Portugal Fashion nunca conseguiram chegar a um acordo.

Temos um financiamento muito inferior ao do Portugal Fashion, nem tem nada a ver. Estamos trancados, impossibilitados... Mas estou mais velha, já vi e vivi muita coisa, e sei que quando se quer as coisas fazem-se. Mas até agora não se quis. É tão simples quanto isso.

Não acha que pode ter culpas no cartório porque nunca quis “partir a loiça toda” nesta discussão?

Muitas vezes pus isso em cima da mesa. Mas não acho que tivesse resolvido a situação. O que acho é que, se o Portugal Fashion tem dinheiro para vir fazer desfiles a Lisboa, mais-valia apoiarem a nossa estrutura.

Aceitaria esse apoio?

Com certeza. Por que não? Ganhar território internacionalmente é muito mais powerful do que andarmos às turras.

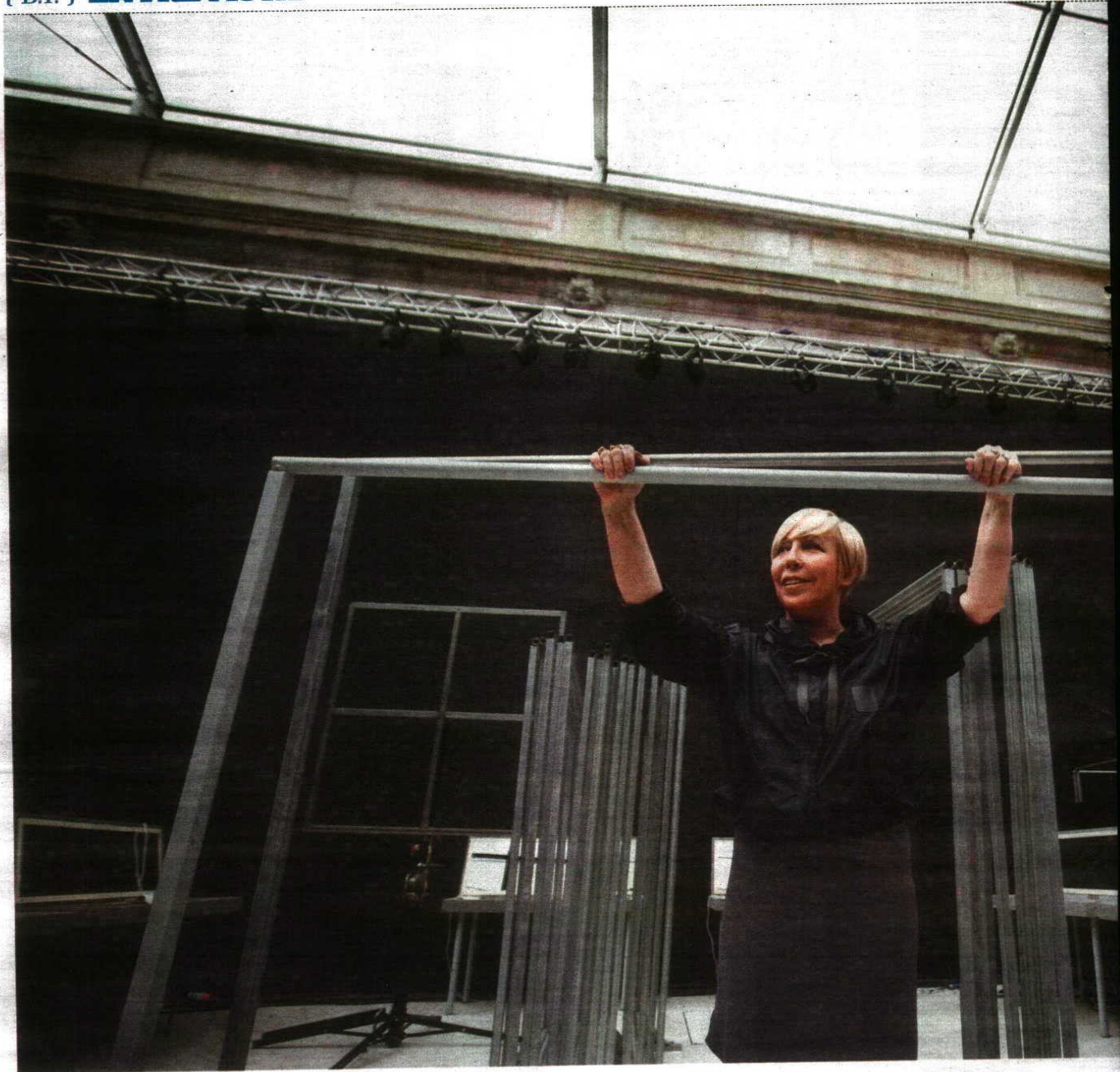
E caso continue sem haver esse acordo qual será o futuro da ModaLisboa?

A ModaLisboa é a minha causa, mas tenho duas causas ainda maiores: a moda e Portugal. Por isso não sei como são justificadas determinadas coisas. Não sei como é que uma organização trabalha com fundos comunitários actua em Lisboa e nós que estamos em Lisboa não podemos actuar [no estrangeiro], com os mesmos criadores que inicialmente eram nossos. Isso é inadmissível! A ModaLisboa tem um protocolo com a Câmara e isso são dinheiros públicos, mas então os fundos comunitários que

CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE ➔



{ B.I. } ENTREVISTA



o Portugal Fashion recêbe são o quê? Demos um enorme contributo a este país e isso é inevitável, não consegue encontrar ninguém na área da moda que não tenha tido alguma espécie de relação com a ModaLisboa. Se para continuarmos e termos acesso aos fundos comunitários - que agora não temos apenas por estarmos sedeados em Lisboa e não nos incluírem num regime de excepção -, então se calhar tem de se pensar em passar o nome para ModaLisboa Portugal e abrir uma sede fora da capital.

O seu pai era industrial e a sua mãe trabalhava nos CTT, e juntos tinham um grande prazer em viagens de carro. As suas primeiras recordações são dessas viagens?

Sim, na parte de trás do carro. Era uma seca. Na altura custava-me tanto, fomos até à Holanda! Conheci Portugal todinho de carro. E a Espanha

também! Hoje percebo que foi muito bom.

Mas era tudo uma seca?

Não, íamos às compras, de roupa. E íamos a concertos e comprar vinis para a minha irmã. O meu pai não gostava de comprar nada, mas pagava. A minha mãe gostava de roupas.

A minha mãe perde-se, já não conseguimos ter conversas. Mas assim que entro ela diz-me logo se eu estou mais gorda ou mais magra

Sempre que fala da sua mãe descreve-a como uma mulher muito elegante.

Adoro a minha mãe. Não acho que seja muito parecida com ela, mas adoro-a. Ela era muito fixe. Tinha coisas insuportáveis, como a história de não poder usar chinelas ou sandálias, que era ordinário, tinha sempre de andar de sapatos fechados. Mas, por outro lado, lembro-me de andar de jeans rasgadas, à boca de sino, e a minha mãe suportava isso. Ainda hoje a minha mãe é muito crítica. Detesta que eu tenha engordado,



mas eu também!

Ainda hoje são muito cúmplices?

Ela está muito velha, mas sim... Perde-se, já não conseguimos ter conversas. Mas assim que entro ela diz logo se eu estou mais gorda ou mais magra, que não me penteie, que estou maldisposta... ainda faz esse tipo de apreciações tiro e queda. Mas logo a seguir perde-se...

Crescer com essa exigência do pormenor vincou o seu carácter?

Não tenho essa noção. Sei que a minha mãe tinha alguns rigores, mas depois tinha outras questões. Por exemplo, não se falava mal. Nunca ouvi ninguém falar da vida dos outros. Isso faz com que eu tenha, ao longo da minha vida, diferido com muita gente. E não era nada racista. Mas não era mesmo. A minha mãe dizia "aquele menino",

nunca havia uma referência se a cor da pele dele era diferente da minha. Era igual com as questões da homossexualidade. Para ela, era absolutamente indiferente se os meus amigos eram gay. Era uma cabeça aberta, uma mulher à frente do seu tempo.

E o seu pai?

Era muito diferente. Mas eu gostava muito dele. Quando o meu pai morreu levei com uma talhada... Um ano, em 2012, depois descobri que estava doente.

Raramente fala disso?

Não gosto. E não quer dizer que não ajude diariamente quem precise porque está a passar pelo que eu já passei. Faz-me mesmo muita confusão que as pessoas tenham necessidade de proclamar o bem que fazem aos outros.

Qual é a lição mais importante que pode dar a quem precisa dessa ajuda?

Quando estamos mesmo encostados à parede, é melhor contermo-nos um bocadinho. O facto de perder tanta energia a falar sobre isso é energia que se perde quando não estamos em condições de perder energia.

A primeira vez que esteve encostada à parede era uma criança...

Tinha oito anos. Tive uma hepatite viral.

Uma doença que a deixou um ano de cama e que a obrigou a deixar o ballet. No fundo, mudou a sua vida?

Mudou. Quando saí da cama, nem conseguia ter a cabeça direita. Aliás, nem sabia o que era o direito. A memória que tenho é de estar sentada no sofá e a minha mãe dizer, "endireita-te, Maria Eduarda", e eu dizer, "Mãe, eu não sei o que é ter a cabeça direita, endireita-me". E ela vinha ter comigo e colocava-me a cabeça no sítio. E eu esforçava-me para manter a posição. Acho que tive uma depressão quase mortal... Aliás, depois da hepatite tive uma anorexia infantil, que é algo muito raro. Estava muito revoltada por ter perdido o ballet. E por a amiga que me pegou a hepatite se ter curado em três meses e eu não conseguir. Acho que isso foi uma amargura tão grande para mim que decidi abandonar-me. Arrastei aquilo até ao limite, mas houve um momento em que senti que me ia embora...

E decidiu que queria viver?

Foi uma bicicleta. Pedi ao meu pai uma bicicleta extravagantíssima que tinha de vir de Londres. O meu pai disse-me que era tão cara que equivalia ao preço de duas. E perguntou-me se era mesmo essa que eu queria – eu ainda na cama. Acho que essa bicicleta me salvou a vida. Acho que precisava de um sinal de que alguém se esforçava por mim.

Quanto chegou a pesar?

Lembro-me de já andar, mas magérrima. Era como uma criança do Biafra. Acho que cheguei a pesar ainda menos de 17 quilos aos nove anos. Levei injeções para suportar as dores associadas à

subnutrição.

Mas como é que a bicicleta lhe salvou a vida?

Eu ainda não conseguia andar na bicicleta, mas ia para o Jardim da Parada com a minha empregada e os meninos ficavam tão deslumbrados com aquela bicicleta que me pediam para andar. E eu organizava as filas para eles andarem. Isso deu-me energia de vida. Acho que sou uma sobrevivente.

E lembra-se de quando finalmente subiu à sua bicicleta?

Ai lembro! Depois passei a ter uma liberdade enorme porque os meus pais tinham tanto medo de me contrariar na vontade de viver que entretanto ganhei que não se opunham a quase nada.

E tornei-me uma grande pirata. Tinha de regressar a casa ao pôr-do-sol, o que significava que no Verão os dias eram muito longos. E só andava com rapazes porque as raparigas não tinham a mesma liberdade. Andava muito com o meu primo Rafael e com outros primos. Éramos os piratas das bicicletas em Campo de Ourique. Chegámos a atropelar o padre no adro da igreja! Eu estava sempre de cabeça para baixo.

Depois da doença tornou-se muito atlética?

Eu tinha um percurso na dança clássica e sempre gostei muito das disciplinas desportivas na escola. Mas como gostava tanto do ballet, nem dava valor à ginástica. Mas fazia tudo, paralelas assimétricas, trave, barra... tinha um peso pluma e um corpo muito trabalhado. Estava sempre a fazer o pino. Chegava a estar duas horas a fazer o pino, em casa, enquanto ouvia as conversas dos outros.

Sentia-se uma outsider?

Ao contrário dos meus amigos, que ansiaram sempre por serem únicos, a minha questão foi sempre entrar nos parâmetros da normalidade. Foi sempre o que mais quis na vida. O meu lado low profile tem a ver com isso. Hoje em dia já apaziguei isso. Mas era muito extravagante. E não queria ser. No liceu, por exemplo, quando se deu o 25 de Abril eu ainda nunca tinha tido um intervalo porque os passava sempre no castigo. Mas ao mesmo tempo era protegida porque até tinha bons valores enquanto ser humano. O que eu precisava era de acalmar e entrar nas regras.

Tem todo o perfil normalmente associado aos actores.

Mas nunca quis. Só tive algumas experiências como atriz porque me casei com um encenador e estava rodeada por gente do teatro. Acho que acima de tudo eu era hiperactiva e tinha uma grande necessidade de fazer coisas e de trabalhar com pessoas. É por isto que também sempre fiz muito trabalho social. Mas lá está, acho que não tenho de o anunciar.

Mas quais são as suas causas?

Já trabalhei com crianças em bairros sociais, durante dois anos e meio dei aulas de desenho aos miúdos. Numa altura em que estava um pouco



{ B.I. } ENTREVISTA

desatinada com a minha família e não ia passar o Natal com a minha filha, que ia para os avós paternos. Nessa altura pedi ajuda a um amigo para encontrar uma associação para passar o Natal com os velhinhos abandonados. Ele deu-me uma lista daquilo que era necessário levar para um centro em Campolide. Eu só dizia que não ia passar o Natal e levar fraldas ou papel higiénico. Mas no final da lista dizia que também era necessário after-shaves e águas-de-colónia. Fui a uma droguaria com um saco de fim-de-semana e comprei imensos. Também já fui fazer as brigadas de apoio aos sem-abrigo. Desde muito nova que faço isto.

Pensou ser arquitecta, mas acabou por ir para a Escola António Arroio estudar Vídeo. Porque só ficou uma semana?

Foi para esquecer. Estava entusiasmadíssima, mas quando cheguei lá nem uma televisão tinham. Pisguei-me! Fui trabalhar para os CTT. Tinha 18 anos.

Como?

Abriram a possibilidade de os filhos de funcionários irem fazer substituições de funcionários que iam de férias. Estive lá dois anos. Trabalhava nos horários que os outros não queriam e, por isso, era muito protegida. Trabalhava das 15h às 23h ou das 16h às 24h, sábados e domingos que era para depois juntar folgas. Depois fui fazendo concursos e concursos e acabei na direcção, a ganhar muito dinheiro. Até porque continuava a viver em casa dos meus pais e a minha mãe continuava a dar-me dinheiro. Só gastava para comprar roupa na Migacho. E passava os tempos livres na Munique, na Avenida de Roma, com os meus amigos. Era eu que patrocinava tudo. Mas ainda nos CTT, nessa altura; não havia linhas de apoio social. Quem era o apoio social do país éramos nós. Sempre que uma criança estava sozinha, ligava para nós. Se um velhinho achava que ia morrer, ligava para nós. Falava com muita gente, as noites ali eram muito emocionantes. Falava com os barcos bacalhoeiros e, como só havia um canal, quando eles queriam estabelecer uma chamada para casa, mas não atendiam, a chamada não se dava. Só que eu ficava ali a aguentar a chamada e a tentar conseguir estabelecê-la. Isto não se podia fazer, mas eu fazia. Quando havia inundações, por exemplo, cheguei a ter de correr postes até por Espanha só para conseguir estabelecer uma ligação para o café da aldeia, porque estava uma neta em Lisboa a tentar saber algo da avó. No café pedia para irem a casa dessa senhora e uma hora depois ligava para saber se a senhora estava bem. E depois ligava para a neta. Passava as noites a fazer isto.

Porque saiu dos CTT?

Porque queria ir viajar. Fui para Marrócos com o meu namorado da altura.

E quando volta conhece aquele que veio a ser seu marido?

Não exactamente... [risos]



Foi muito namorada, é?

Naquela altura, toda a gente era. Mas eu até era de grandes amores. Ia-me casar com outra pessoa, em vez do Luigi. Mas ele vivia em Nova Iorque e eu não queria ser uma American wife. Acabei por ser uma Italian wife. Era muito estúpida! Mas é uma coisa que me ficou atravessada, não ter conseguido explicar a esse namorado o que se passou. Nunca mais o vi. Mas amei-o profundamente.

Mas também amou profundamente o seu marido? Sim...

Encontrou em Itália um universo completamente diferente daquele que esperava encontrar?

Eu nem sei do que ia à espera. Mas encontrei um universo diferente.

Na altura foi uma experiência agressiva para uma jovem de vinte e poucos anos?

Itália não, mas o meu marido sim.

E a família dele?

A família dele era deslumbrante, tudo naquela vida era deslumbrante. Mas a família era muito diferente da minha. Era uma família do Primeiro



Mundo, com perspectivas diferentes das coisas. Sentia que tinha um monte de coisas para aprender. Aprendi a viver noutra dimensão, com um contexto muito mais rico do que aquele que conhecia e numa cidade – Milão – muito mais glamorosa. Aprendi italiano, li a biblioteca de família toda.

Mas sentiu-se sozinha?

Quando fui operada no Hospital de Oncologia de Milão. Quando acordei, senti muita falta da minha mãe, mas não lhe disse nada. Foi difícil estar ali, aos 22 anos, sozinha, noutra país. E com freiras. Lembro-me que não podia tirar a aliança de casada, mas ali tinha de a tirar. Entrei em choque porque não a podia tirar, e veio a freira dizer-me que podia ficar com ela. Durante dez dias acordei com a missa.

Foi depois dessa operação que decidiu regressar para Portugal?

Não. A nossa relação foi turbulenta, mas tínhamos muitas pausas. Ou ele ia para Londres ou eu vinha a Lisboa... Não estávamos sempre juntos. Mas quando decidi que não era mais sistema e que não queria mais, disse-lhe que queria separar-me. Foi o fim. Vim para Portugal sem nada, deixei tudo em Itália. Durante muitos anos andei à procura de cintos, cuecas, de um tailleur Chanel e de uma peça metálica do Versace. Tinha imensas coisas de luxo. Eu tinha tudo o que quisesse. Fazia compras onde queria, gastava o que queria.

Não estava à espera de se ver no centro de um filme da máfia?

Não tem nada a ver com a máfia. Não era uma família da máfia, era uma família ligada à política. O problema foi o processo Mani Pulite, em que toda a gente foi investigada. Mas a minha família não teve nenhuma implicação. Mas esse processo foi duro para toda a gente. Só num dia suicidaram-se dois empresários de Milão. Foi duro para toda a gente. Até porque não se sabia quem estava ou não envolvido. E era algo que não era distante, estava ali, na minha vida. Eu tinha sistemas de segurança, não atendia o telefone, as campanhas não tinham os nossos nomes.

Quando voltou para Portugal sentia-se esgotada emocionalmente?

Sim. Foram uns anos duros, até porque o meu ex-marido veio algumas vezes a Portugal à minha procura. Ele era emocionalmente agressivo. Foram anos de difícil gestão.

Quando sentiu que tinha recuperado as rédeas da sua vida?

[silêncio] Eu só tive o divórcio do meu primeiro marido já depois de a minha filha nascer. Apesar de já não ver o meu marido há nove anos. Tratei do divórcio em várias cidades, com vários tradutores oficiais de várias embaixadas... Não me conseguia divorciar. Diziam -- me que casamento só há um e, portanto, não precisava de me divorciar. Foi muito difícil. Só consegui o divórcio porque, já depois de eu ter tido uma filha, o meu marido também teve

uma, com uma mulher suíça, e resolveu que lhe dava mais jeito estar debaixo da lei suíça. Estava separada, mas continuei sempre a ser alvo de bullying nem que fosse via fax.

Quando conheceu o Mário Matos Ribeiro?

Na escola, quando estava em Itália, mas vinha a Portugal estudar design de moda. Depois eu fui estagiar para a Ana Salazar – com quem já tinha colaborado no teatro, com o Filipe La Féria – e apresentei o Mário à Ana porque achava que ele era tão bom que merecia uma oportunidade. O meu estágio acabava a 30 de Julho e nessa altura fui para o Funchal, fazer uma tournée com o Teatro da Graça, como atriz. Foi a atriz e minha amiga Sara Lima que me desafiou. Inicialmente não quis ir, mas fui a três dias de ensaios e resolvi aceitar e ir. No regresso voltei para Itália e decido separar-me.

No regresso a Portugal reencontra o Mário Matos Ribeiro, com quem cria uma parceria.

Primeiro lancha a minha marca, depois começamos a trabalhar juntos e fundimos as nossas marcas. Depois criamos a ModaLisboa. A nossa parceria estendeu-se a todas as áreas da vida, pessoal, também.

É complicado?

Nunca mais. [risos]

Quando se separaram temeu pelo futuro da ModaLisboa?

Em Itália tinha sistemas de segurança, não atendia o telefone

Já não via o meu marido há nove anos quando tive o divórcio

Ninguém se prepara para morrer. Mas organizei tudo na minha vida e desapareci

Tem pelo futuro de muita coisa. Foi um processo muito complicado. Ainda no outro dia pus no Facebook que acho que tenho um crazy magnet. Devo ter... Já fiz psicoterapia para entender tudo isto, mas não existem padrões entre estes dois homens.

Sentiu que era mesmo necessário?

Tive de a fazer, quando estive doente. E fiz à séria, com uma especialista. Depois continuei a fazer porque percebi que era útil. Eu tenho uma tendência psicossomática e achei que era útil continuar. Terminei o ciclo e tive alta.

Há pouco disse que se sentia uma sobrevivente. Mas quando se olha para si, a primeira imagem é de uma mulher frágil.

E sou. Física e emocionalmente frágil. Sou frágil, mas ao mesmo tempo posso ser um tanque de guerra infernal. E continuo a ter uma gigantesca capacidade de amar.

E continua a ser capaz de amar o seu corpo, que tantas vezes na vida a traiu?

Nesta altura talvez seja o período que amo menos o meu corpo, pois tenho mais 11 quilos com os quais não sei viver, apesar de a minha mãe me dizer que finalmente tenho rabo!

Mas o facto de há muitos anos o médico lhe ter dito que viveria sempre com uma guilhotina sobre a cabeça...

Aprendi que todos vivemos. Mas eu já senti a lâmina a tocar-me no pescoço, agora desta terceira vez que estive doente. O cancro é a doença mais velhaca que podemos imaginar. É uma doença muito desleal. Depois, enquanto que, das outras vezes em que estive doente, tinha alguma margem... eu sou muito matemática e tinha, apesar de no limite, uma estatística que me permitia um pensamento mais positivo. Desta vez, nada me era favorável.

Preparou-se para morrer?

Ninguém se prepara para morrer. Mas organizei tudo na minha vida, deleguei tudo e desapareci.

Como se recebe, pela terceira vez, um diagnóstico de cancro?

Ao contrário do que muita gente pensa, não foi a terceira vez. Estive doente em criança, depois em 2006/2007 não tive um cancro. Estive foi a fazer um tratamento ao fígado por causa da hepatite C. Fiz um tratamento muito agressivo, de um ano, e muito estigmatizante, por isso não desvendei. Não tinha de o fazer. Em Itália tive um hipertiroidismo porque fiz um tratamento para combater a esterilidade. Eu era estéril por causa da anorexia infantil, não podia ter filhos. Fiz muitos tratamentos experimentais, era a paciente número 19. Um desses tratamentos provocou-me um tiroidismo súbito e foi na sequência disso que tive de ser operada em Milão. Em 2012, sim, tive cancro. [suspiro] E o diagnóstico não era nada favorável... Mas correu tudo bem. Fiz exames há dez dias e estou curada. ■